



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das Preces
Telefone 192 de Galizes

Director e Editor
P.^e Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857

CARTAS DE ALGURES...

II

Trepar às montanhas, descer
ao fundo dos vales, vale mais do
que viver encerrado entre pare-
des. — Zamakhschari.

Portas do Inferno!
Aliciente cartaz de turismo dum
Portugal pouco conhecido.

Chame-lhes assim, com propriedade,
quem por lá passou numa noite tem-
pestuosa.

Atravessei-as uma vez sob rajadas
de granizo, e guardo dessas horas lem-
brança terrível. Com o rosto colado ao
albardão da besta, ia às cegas, guiado
por um arceiro serrano.

Um vento diabólico, arremessava-
nos a cada passo para fora do trilho
incerto. A solidão tétrica, o negrume
cerrado, o roncar sinistro do vento e
as saraivadas inclementes, conjura-
vam-se para aniquilar ali a nossa ou-
sadia.

Em lúgubre toada, parecia-me ouvir
os célebres versos de Dante:

«Deixai lá fora a esperança...»
Mas, acicatava-nos o Dever, e pas-
sámos...

Portas do Inferno, sim!!
Também lá me quedei em límpida
manhã dum sereno Abril.

Impressão oposta.
Por aquele tempo e naquele dia, a
serra era bela e acolhedora. Vestia o
manto roxo das urzes floridas, ren-
dado com giestais dourados.

Em pequenos almargens, por entre
os penhascos, desabrochavam tímida-
mente as primeiras boninas, ainda
como que assustadas da inclemência
das neves.

Ao alto, quase no azul do céu, can-
tavam cotovias aleluias de amor.

A Natureza em galas e em festa,
era um hino mavioso a Deus Criador.

Esquecido dos meus trabalhos e das
minhas mágoas, apeteceu-me ficar ali,
onde tudo era natural, simples e puro
como o ar que respirava.

A paz clara daquele altar grandioso
convidava-me a meditar, comparando
a ostentação que perde com a simpli-
cidade que redime.

Diante dos meus olhos, tinha um
panorama maravilhoso, de grandeza
alpestre.

Aos meus pés, um abismo: a en-
costa abrupta e fragosa, descia em de-
clive rápido até ao vale fundeiro, onde
a ribeira bramava mordendo as fragas.

Em frente e à direita, lá estava o

(Continua na 2.ª pág.)

Milhares de peregrinos aos pés da Senhora das Preces

Nos dias 31 de Maio e 1 de Junho realizou-se a grandiosa
Romaria da Senhora das Preces que atraiu a esta montanha sa-
grada muitos milhares de pessoas vindas dos quatro cantos de
Portugal.

Na véspera vieram muitas camionetas de longes terras e du-
rante o dia milhares de peregrinos enchiam os caminhos entrando
no recinto entoando os seus cantares regionais ou cantando louvo-
res à Virgem. À noite já o Santuário regorgitava de gente e foi
com a assistência de enorme multidão que se realizou a procissão
de velas com grande entusiasmo e grande fervor.

O domingo amanheceu um pouco enevoado, mas a Senhora
das Preces do alto do seu trono atraía todos os corações e de todos
os lados, de todos os caminhos, de toda a parte chega gente. Carros,
camionetas em filas intermináveis entram no recinto. As 11 horas
já não havia lugar para mais e ficam nas estradas.

Às 11 horas chegam as peregrinações de Alvoco de Várzeas
e S. Sebastião da Feira com mais irmandades e cruzadas. Ao meio
dia chegou a peregrinação de Pomares. Às 12 e meia foi celebrada
a missa campal, sendo celebrante o Rev.^o Prior de Vide. Os cânticos
transmitidos por poderosos autofalantes encham o recinto unindo
todos os milhares de peregrinos nos mesmos sentimentos de fé,
de amor e gratidão.

Ao evangelho fez o sermão o Rev.^o Cónego José Augusto Rodri-
gues Amado, distinto professor do Seminário de Coimbra. A sua
prêgação ouvida religiosa e atentamente é um hino de louvor à
Virgem.

Na altura do ofertório a freguesia de Pomares depõe no altar
as suas ofertas para a capela do Colcurinho. O Rev.^o Arcipreste
P.^o João Antunes da Costa, fez a chamada dos representantes dos
vários lugares da freguesia e em envelopes fechados entregam as
suas dádvas que renderam 1.246\$00.

Depois da missa e enquanto os milhares de peregrinos sabo-
reavam as suas apetitosas merendas a Filarmónica de Aldeia das
Dez deliciava-os com as harmoniosas peças musicais sob a regên-
cia do maestro Campos.

As cinco horas os autofalantes transmitiam cânticos religiosos:
era a recitação do terço como preparação da grandiosa procissão
que em breve iria desfilar por entre milhares de fiéis. A chuva im-
pertinente parece querer obstar a que a procissão se não realize.
Mas a Senhora das Preces tinha que vir abençoar a multidão que
ansiosa a aguardava. Não queriam partir sem a sua bênção. A pro-
cissão realizou-se; nela tomaram parte todas as peregrinações já
mencionadas e tudo decorreu com muita ordem e respeito.

À noite houve adoração nocturna e depois arraial até à meia
noite com a cooperação da Filarmónica de Aldeia das Dez.

* * *

Segundo os cálculos de algumas pessoas deviam ter vindo à
Senhora das Preces umas 300 camionetas e para cima de 500 car-
ros ligeiros.

O parque de estacionamento e a variante da estrada são duas necessidades urgentes

Segundo os cálculos de algumas
pessoas, que se deram ao trabalho de
contar, deviam ter vindo à Senhora
das Preces umas 300 camionetas e
autocarros e para cima de 500 carros
ligeiros. Não sei se a contagem estará
certa, só sei que o recinto ficou lite-
ralmente cheio, ficou cheia a estrada
da floresta e ficou cheia a estrada do
Vale de Maceira e chegou-se a dar or-
dem para não haver procissão por
não haver possibilidade de se passar.

Estamos pois em presença de um
grave problema que é preciso solucio-
nar sem demora, pois que no próximo
ano é de esperar maior enchente.

São os próprios empresários das ca-
mionetas quem o dizem. Prevendo o
que se está a dar, pedi há mais de três
anos à Ex.^{ma} Câmara de Oliveira que
se encarregasse de fazer o estudo de
uma variante da estrada para o San-
tuário. Este serviço não terá mais de
seiscentos metros. Apesar disso e ape-
sar de eu ter facilitado tudo e de os
Serviços Florestais terem cedido um
projecto da dita estrada, até hoje ain-
da não foi feito pela Ex.^{ma} Câmara,
certamente por estar sobrecarregada
com os melhoramentos das várias fre-
guesias do concelho.

Embora tenha esperado três anos
em vão, mais esperaria «se não fosse,
para tão grande amor, tão curta a
vida».

Um engenheiro de Coimbra está a
fazer o projecto da estrada e do par-
que de estacionamento e espero que no
próximo ano os milhares de peregrinos
possam aproveitar-se de tão útil
melhoramento.

Sim, e para isso espero que os
Poderes Públicos se interessem pois
sem isso nada é feito.

Acredito que a Ex.^{ma} Câmara de
Oliveira esteja sobrecarregada de ser-
viços, de obras e a braços com muitas
dificuldades financeiras.

Sim acredito, mas não posso acre-
ditar que se desinteresse por completo
do mais belo local do concelho que
sabe ser visitado, durante o ano, por
muitos milhares de pessoas.

Sem a cooperação e o auxílio da
Ex.^{ma} Câmara nada se pode fazer e
assim todos os meus esforços e todas
as minhas canseiras esbarram com esta
montanha intransponível, e é por isso
que ainda nada se fez.

Mas uma vez que o estudo do pro-
jecto foi confiado a outra pessoa, a
Câmara ficará mais aliviada e será a

(Continua na 2.ª pág.)

Conversando

Ora viva o compadre João do Vale, por onde tem andado, homem, que já há umas três semanas que cá não aparece?

— Por onde tenho andado? por nenhures; tenho estado a curti-la, porque a sr.^a dona gripe deitou-se com toda a gana cá à gente e também me veio visitar, espetando comigo na cama. Estive bem mal, mas... vá lá, desta ainda escapei.

— Pois creia que muito folgo de o ver, assim como parece, e de ouvir as suas palavras amáveis. Até já tinha saudades.

— Muito obrigado, não lhe mereço tanto; eu é que lhe devo agradecer estas massadas que lhe venho dar.

— Qual o quê? não diga isso, homem. Até me faz muito bem, porque se passa mais depressa o tempo.

— O compadre Crisóstomo conheceu o Julião das Dornas, aquele rapaz que morava lá em cima no Cabeço das Corgas?

— Sim, bem sei, o que era casado com a Rosalina Dornelas...

— Exactamente, pois coitado, já saiu do rol dos vivos. Morreu ontem de noite.

— Lá vem mais um sarilho para o Sr. Prior...

— Não vejo porquê... então que diacho... morreu, Nosso Senhor lhe perdoe, agora que o enterrem.

— Pois sim, sim, o compadre fala muito bem, mas o pior é o resto.

É que ele não pode ter enterro religioso...

— Hom'essa! Olhe que ele era muito bom, muito temente a Deus; fazia muito bem aos pobres...

Nada disso pode ser.

— É o que lhe digo. O compadre João deve saber que o enterro religioso é para os católicos. Ora o Julião das Dornas, embora se fizesse muito crente, nunca punha os pés na igreja.

A missa aos domingos não era para ele. Só me lembro de o lá ver uma vez no dia de Natal. Confessar-se ao menos uma vez cada ano, nunca o fez

desde que se casou e já lá vão nada menos de uns 15 anos.

— Mas, ó compadre Crisóstomo, olhe que até o Sr. Prior lá tem ido todos os anos pela Páscoa dar a cruz a beijar. Por isso já vê que...

— Se lá tem ido não é por ele, mas sim pela mulher, porque essa cumpre os preceitos da igreja, e se ela hoje morresse o Sr. Prior não voltava lá.

— Dessa é que eu não sabia...

— Pois fica-o sabendo agora. E diga-me lá; sabe se ele pediu os sacramentos?

— Nada me consta, compadre, e quero-me parecer que não o faria.

— Então vê, compadre, que quer que lhe façam?

Em vida não quis saber da igreja para nada, à hora da morte, não quis ou não se lembrou de se reconciliar com Deus, então de que lhe serve o enterro religioso? Demais a mais isso não estava de acordo com as ideias dele. Viveu bem sem os padres, para morrer também não mandou chamar nenhum padre, portanto também é justo que agora vá para a cova sem padres.

— Pelos modos o compadre tem razão, mas... que diacho, não é bonito ser assim enterrado como um qualquer animal...

— Pois não, não; mas que queres? ele é que arranjou lenha para se queimar.

— Então e não pode ir nem cruz, nem Irmandade, nem coisa nenhuma da igreja?

— Nada, é enterrado como se fosse um cão ou um gato.

Mas olhe que a família não fica satisfeita, há-de ver.

— Meu amigo, que aperte a cabeça como puder; o que é certo é que ela já sabia o que lhe viria a acontecer e isto é uma lição para os outros que estão nas mesmas condições do Julião das Dornas. E se não quiserem ser enterrados como um triste quadrúpede, que ponham as barbas de molho enquanto é tempo.

Mais de 3 mil pessoas visitaram a capela do Colcurinho

Nos dias da festa da Senhora das Preces subiram o monte do Colcurinho mais de três mil pessoas não só para cumprirem as suas promessas mas ainda para ver e admirar as obras da capela.

Cartas de algures...

(Continuado da 1.^a pág.)

Piódão nostálgico, de casitas pardas, cobertas de ardósias.

À esquerda, Chans d'Égua, mais além Gondufo, mais abaixo Cid.

Ribeira abaixo: Foz d'Égua, Casas Figueiras, Abitureira, Coucedeira, etc.

Terras minhas conhecidas; gentes das minhas relações.

Sei todos os caminhos e atalhos que lá vão dar, à força de percorrê-los, qual cavaleiro andante, no cumprimento dum fado.

Por estes trilhos ásperos, sob neves e soalheiras, deixei energias, sonhos e ambições, num simples e apagado viver...

E é talvez por isso, que eu quero bem a estes montes e a estas gentes.

JOSE SERRA

O parque de estacionamento e a variante da estrada são duas necessidades urgentes

(Continuado da 1.^a página)

melhor maneira de se chegar ao fim desejado.

Sr. Dr. António Marques Antunes, muito Digno Presidente da Câmara. Sei que muito aprecia este lindo rincão da nossa Beira, aonde traz por vezes, pessoas amigas para passarem umas horas à sombra deste Santuário encantador, a melhor joia do coração de Portugal. Sei que este Santuário lhe recorda tempos felizes da sua mocidade. Não o esqueça pois agora que tanto precisa do seu carinho e do seu auxílio.

Missas celebradas na capela do Colcurinho

No dia 31 de Maio foi celebrada a Santa Missa na capela da Senhora das Necessidades, do monte do Colcurinho por intenção de Maria da Anunciação Mendes, do Chão Sobral, em cumprimento de uma promessa. No dia 2 por intenção do sr. João de Figueiredo Coelho, de Canas de Senhorim, e no dia de S. João, por intenção do sr. Romão Marques, do Parento, Alvoco de Várzeas.

ASSINATURAS DA Voz do Santuário

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

Francisco Fernandes, Torrocelo;
Professor José Nobre da Fonseca, Oliveira do Hospital;
Manuel Adrião, Lisboa;
Manuel Nunes Mendes, Aldeia das Dez;
João Dias, Lisboa;
António Augusto de Moura, Lisboa;
D. Maria Emília Pina Gouveia, Oliveira do Hospital;
D. Maria Teresa Mourisca Mendes Costa, Oliveira do Hospital;
José da Costa Rocha, Galizes;
Joaquim Bernardo Saraiva, Galizes;
Adelino da Costa Rego, Santa Ovaia;
Filipe Mendes Pinheiro, Aldeia das Dez;
João de Sousa Caetano, Ponte das Três Entradas;
Arsénio Carlos Pereira, Aldeia das Dez;
Manuel Lourenço da Paula, Chão Sobral;
Manuel Serra, Alvoco de Várzeas;
Laurinda de Jesus Lourenço, Goulinho;
Cipriano dos Santos, Goulinho;
D. Arminda do Nascimento Afonso, Feira;
José Alves, Avelar;
José Pereira, Casas Figueiras;
Clementina Augusta Diniz, Cimo da Ribeira;
António Lopes Mendes Júnior, Alvoco de Várzeas;
Francisco Nunes Ventura, Oliveira do Hospital;
António Pereira, Sobral Magro;
D. Maria José, Sobral Magro;
D. Maria do Nascimento Castanheira, Sobral Magro;
D. Fernanda do Nascimento Castanheira, Sobral Magro;
D. Feliciano Hall, Aldeia das Dez;
Maria Rosalina Pinheiro, Chão Sobral;
António Costa, Lisboa;
António Luís Dias, Vale de Maçeira;
Manuel Nunes Pacheco, Vide;
Proença Bernardo Pereira, Malta — Pinhel;
Manuel Lopes da Silva, Sobral de Casegas.

Com 15\$00 os senhores:

Henrique Mendes da Silva, Lagos da Beira;
D. Isabel Mesquita, Avô.

Com 20\$00 os senhores:

José João Freire, Lisboa;
Francisco Teles Diniz, Lagares;
D. Arminda da Paula Miguel Curto, Lisboa;
Amadeu dos Santos, Oliveira do Hospital;
João Lopes Mendes, Brasil;
Alfredo Lobo, Gramaços;
Tenente Alfredo A. Brito Amaral, Miranda do Corvo;
D. Maria do Rosário Albuquerque, Aldeia das Dez;
Tomaz Mascarenhas, Avô;
Engenheiro António Lobo Vaz Pato, Coimbra;
D. Eduarda da Silva Oliveira, Aldeia das Dez, com 25\$00;
Reinaldo José da Silva Oliveira, Lisboa, com 25\$00;
P. António Bartolomeu, Aveiro, entregou 40\$00 para dois anos; Manuel João Loureiro, Lisboa, 40\$00; e uma Senhora de Coimbra, 40\$00 para dois anos.
O senhor Raul Agostinho, de Coimbra, entregou 50\$00 por um ano; o senhor Abel Marques da Silva, Lobito, enviou 100\$00 para dois anos e a senhora D. Maria Augusta Gil Gomes Pereira, de Lisboa, enviou 100 para um ano.

Hospital da Misericórdia de Galizes

No dia de S. João foi aberto ao público o Hospital da Misericórdia de Galizes. O serviço de enfermagem está a cargo de quatro religiosas franciscanas.

Deus queira que a Santa Casa da Misericórdia possa manter esta instituição e que o público saiba apreciar tão grande benefício para bem dos pobres.

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. António Vaz Pato que tem sido incansável para conseguir este melhoramento, as nossas felicitações.

Procissão do Corpo de Deus em Avô

Para cumprimento das determinações do Sr. Arcebispo Bispo Conde, de Coimbra, reuniram-se no dia 12 de Junho, em Avô, todas as freguesias do Arciprestado com suas Irmandades e mais associações católicas.

Depois da chegada de todas as freguesias, teve lugar a missa campal celebrada num altar armado à porta da igreja. A missa foi cantada pelos grupos de várias freguesias sob a regência do Sr. P.^o Redondo, pároco da Benfeita. Ao Evangelho prêgou o reverendo P.^o Alberto Sanches Pinto, pároco de Avô, e foi celebrante o reverendo P.^o Januário Lourenço, pároco de Vila Cova do Alva.

No fim da missa organizou-se a imponentíssima procissão com o Santíssimo Sacramento incorporando-se todas as Irmandades das várias freguesias, Cruzadas, Juventude, Apostolado da Oração, Mocidade Portuguesa e muito povo. Tomaram parte as fre-

guesias de Aldeia das Dez, Alvoco de Várzeas, Anceriz, Avô, Lourosa, Pomares, Piódão, Santa Ovaia, Vila Cova do Alva, Vila Pouca e S. Sebastião da Feira.

As filarmónicas de Avô, Barril e Vila Cova marcaram a sua presença dando ao ambiente uma nota alegre e festiva. A Sagrada Custódia foi conduzida pelo Rev.^o Pároco de Alvoco e às varas do pálio pegaram várias pessoas de maior representação na região. Fazia a guarda de honra a Legião Portuguesa, sob o comando do Sr. Tomaz Mascarenhas.

As ruas de Avô estavam tapetadas de verdura, e das janelas e varandas pendiam centenas de colchas de seda.

Foi de facto uma maravilhosa manifestação de fé em Jesus Sacramento, esta imponentíssima procissão em que tomaram parte todas as freguesias do Arciprestado.

Rebusco...

II

A CRIANÇA

Se a criança quisesse — podia, num momento, voar ao céu.

Mas algum poder, superiormente atractivo, a prende à terra: agrada-lhe repousar a cabecinha no regaço materno, — olhando, vagarosamente, em redor...

Conhece palavras maravilhosas! E, no entanto, são raros os que poderão compreendê-la, — refugia-se no manto cor de rosa da sua inocência. Anseia aprender palavras dos lábios de sua mãe, — e espera-as com gracilidade angélica. Possui ouro e pérolas; e entrou na vida qual mendigo; — anjo desnudo da mão de Deus.

— Porque sacrificou sua liberdade, se estava feliz na terra da pequena lua-nova? Ah, é que ela sabia o prazer que dá vivendo no coração dos que a contemplam com ternura, — deixando-se prender em suas mãos...

Antes, vivia no mundo da alegria perfeita — e não sabia chorar.

Depois, preferiu as lágrimas, desejando viver; colhendo o eflúvio santo dos olhos que a fitam com a suavidade etérea do olhar da mãe de Jesus!

Casal de S. Sebastião — Maio de 1952.

C. B.

S. Vicente da Beira

O povo desta vila está muito reconhecido e agradecido ao sr. Major Fabião pela sua boa vontade com que cedeu o terreno para alargamento do terreiro da capela da *Senhora da Orada*, que fica na linda e encantadora encosta da Serra da Gordunha.

Cedeu ainda o terreno necessário para se fazer uma entrada para as procissões em dia de festa e mandou fazer à sua custa um pontão em pedra.

Que Nossa Senhora lhe dê e a toda a família muitos largos anos de vida.

Aldeia das Dez

CASAMENTOS — No dia 24 do mês de Maio, na igreja paroquial realizou-se o casamento do Sr. Joaquim da Costa Reis, comerciante nesta localidade, com a menina Palmira Augusta Diniz, filha do Sr. Serafim Augusto Diniz, regente da Filarmónica. Foram padrinhos António Francisco Gabriel e D. Maria do Rosário Albuquerque.

No dia 7 de Junho realizou-se o casamento de Armando Gonçalves, do lugar do Chão Sobral, com a menina Maria da Conceição Dias, também do Chão Sobral. Foram padrinhos José Alexandre da Silva e sua esposa Rita Moreira da Silva.

A todos desejamos muitas felicidades e longos anos de vida.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progreda, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

Capela do Colcurinho

Para as obras da capela do Colcurinho recebeu-se no dia da festa da Senhora das Preces 1.246\$90 da freguesia de Pomares, sendo: Pomares, 152\$00; Corgas, 16\$00; Agrual, 30\$50; Barrigueiro, 23\$00; Foz da Moura, 70\$80; Sargaçosa, 116\$00; Casarias, 103\$00; Sobral Gordo, 24\$50; Murisia, 50\$00; Soito da Ruiva, 130\$00; Sobral Magro, 118\$30; Espinho, 16\$00; Porto Silvado, 43\$80; Val Torno, 34\$00; Barroja, 100\$00. Pomares ofereceu um bolo que rendeu 100\$00 e a família de António Pereira, do Sobral Magro, ofereceu outro que rendeu 115\$00.

No mesmo dia recebeu-se do sr. José Madeira Lobo, de Anceriz, 50\$00 e da sr.^a D. Cândida Oliveira, de Lisboa, mais 50\$00.

CONCURSO DE ADIVINHAS

Como não nos foi possível publicar no mês passado todos os nomes dos concorrentes, em virtude de termos recebido as suas respostas depois de termos enviado o original para a tipografia, publicamos hoje os seus nomes.

Manuel Gonçalves Pinheiro, Gaviños; João Augusto Branco Fontes, de Vila Nova de Oliveira; António Luís Dias, de Vale de Maceira; D. Maria da Ascensão, Lisboa, Praça das Flores; D. Ana Moura Hall, de Coimbra; José Nunes André, Coimbra, Alto do S. João; Eduardo António Alves, Lisboa; Bonifácio dos Reis Gama, de S. Vicente da Beira Baixa; Raul dos Santos, do Padrão, S. Vicente da Beira; José Francisco Pereira, de Cebola.

Respostas à segunda adivinha

Solução: — Luar-Ar-Raul

Enviaram a resposta à segunda adivinha e acertaram D. Hermínia Ventura, Oliveira do Hospital; José Serra, de Algueres; Hortêncio de Almeida, Oliveira do Hospital; José Quaresma, Lisboa; D. Ana Moura Hall, Coimbra; José Miguel Esteves Ramos, Travancinha; Francisco Caldeira Monteiro, Lagares da Beira; João Augusto Branco Fontes, Vila Nova de Oliveira; D. Maria da Ascensão, Praça das Flores; Lisboa; D. Natividade dos Santos Silva, Rua do Miran-

te, Lisboa; António de Almeida, Cebola; José Francisco Pereira, Cebola; Raul dos Santos, Padrão, S. Vicente da Beira; Francisco Lopes de Oliveira, Vila Nova do Soito; António Gonçalves Matias, Relva Velha; Bonifácio dos Reis Gama, S. Vicente da Beira; António Luís Dias, Vale de Maceira; D. Ilda de Jesus, Luadas, Benfeita; D. Arminda da Paula Miguel Curto, Lisboa; D. Maria Laura da Cunha Chaves, Póvoa de Midões; Eduardo António Alves, Lisboa; Manuel Pereira, Santa Ovaia; José Nunes André, Coimbra; e António Joaquim da Fonseca, Aldeia das Dez.

3.^a Adivinha

*Sou palavra de cinco letras
De duas sílabas formada
Ao pescoço das senhoras
Ando sempre pendurada.*

*Sem uma letra do fim
Em líquido sou transformada
Uno papeis e estou sempre
Muito bem engarrafada.*

*E sem a primeira sílaba
Já sou mais considerada
Represento uma família
Numa casa mobilada.*

Cada uma destas quadras é uma adivinha e por isso os nossos prezados concorrentes farão o favor de dizer o que é que é.

A Virgem nossa mãe e mestra

Ensaaios minúsculos de minúsculo apostolado deram este ano connosco no Vale da Maceira.

A festa universal do Pentecostes leva milhares de corações das Beiras a venerar as imagens benditas de Nossa Senhora das Preces e de Nossa Senhora das Necessidades.

Na encosta, o Santuário está como cercado de capelinhas, onde a arte entronizou imagens comemorativas da paixão do Senhor. Capelinhas e Santuário lembram um grupo de pintalinhos à beirinha das asas maternas.

Lá no alto, a mil e tantos metros acima do nível do mar, como joia de prata fina, remata a crista do monte a capela de Nossa Senhora das Necessidades, da Virgem do Colcurinho, da Senhora do Cabeço, capela há pouco reformada e ampliada.

Só a visão infinita de Deus pode contar, e de facto conta, as respirações ofegantes, os suspiros ansiosos, as vagas de suor, as passadas de pés porventura ensanguentados, as lágrimas e os sentimentos de alegria e de comoção íntimos, com que os devotos da Virgem do Colcurinho transportaram à cabeça, às costas e nos braços os materiais para a reconstrução.

E a mesma visão infinita que é Providência desvelada, ao contar esse suor, essas lágrimas e esse sangue, talha com sabedoria e benignidade o prémio devido ao amor de cada devoto.

É belíssima a orgânica do mundo das almas.

Para contemplar essa beleza é de todo necessária a luz superior da fé.

Concentração Regional da Acção Católica

No dia 10 de Agosto, segundo domingo, deverá realizar-se na Senhora das Preces uma Concentração Regional de famílias católicas com a assistência dos Directores Diocesanos.

A ideia que preside a esta concentração é tornar conhecida a Acção Católica no meio agrário e levar à família agrária a interessar-se pela sua organização nas paróquias.

Desde já se convidam todos os homens, mulheres, rapazes e raparigas das freguesias vizinhas para tomarem parte nas reuniões e na concentração.

VERÃO

*Já chegou o Verão! Trouxe no seio
A alegria! Sorri a humanidade!
O Sol da vida que do Céu nos veio
Traz à frente o vigor da mocidade!*

*— Haja sol, haja luz, no mundo inteiro,
— Haja nos corações amor, saudade!
Irmão, segue o caminho verdadeiro,
Praticando na vida, a caridade!*

*Vês como o sol é lindo, aurifulgente?
Com igual carinho afaga a gente,
— Oscula o tigre, o sapo, o homem vil!...*

*Vai ao castelo gargalhando luz,
Visita, abraça os pobres de Jesus,
Fecunda a terra, lá do Céu de anil!*

ANÍBAL MENDES

Dos que não a têm, canta a poesia portuguesa em toada mimosa e dolente:

*«Coitado de quem tem olhos
Mas, por culpa, não quer ver».*

*

Antes de subir a encosta, fizemos uma digressão através de Pomares e Avô.

Em Pomares abriu-se-nos o presbitério, a casa paroquial. A gente é obrigado a soletrar em cada parede, em cada móvel e em cada alma desse presbitério a simplicidade, a ordem, a dedicação.

Em Avô o caro P.^o José ficou mais confortadinho com meia hora de cavaco. O Sr. João Soares conseguiu o que pretendia com a nossa visita.

A família Rodrigues encontrava-se envolvida num véu de saudade e de confiança na protecção da Virgem. Há dias o Antoninho, recém-casado, partiu para as terras longínquas de Moçambique. Que Deus o acolha à sombra das Suas asas. O querido Padre António continua a lutar com a falta de visão. A Virgem espanta-o do Colcurinho, do Santuário das Preces, da Cova da Iria e... do Céu.

Se ela quiser... pode curá-lo. Tais os nossos votos de amigo sincero. O P.^o Alberto, muito interessado pela reconstrução moral de Avô.

*

Subimos a encosta. Penetrámos no Santuário. Aí deparámos com o livrinho que conta a história de Nossa Senhora das Preces. Abrimo-lo. Os olhos caíram sobre o capítulo: «O Santuário na Literatura». É um retalho doutro livro que o autor, o Dr. Vasco de Campos, baptizou com o nome de «Canto da Cotovia».

Quem conhece Avô, tem de conhecer o Dr. Vasco. A sua competência de médico sabedor e consciencioso deve bastar o físico dos avoenses e povos circunvizinhos.

Quem conhece Avô no seu aspecto religioso, também tem de conhecer o Dr. Vasco. Ao seu desassombro e religiosidade prática devem os avoenses magníficas lições de cristianismo vivo.

Que disse ele à Virgem do Colcurinho? Que escreveu no seu «Canto da Cotovia»? Pediu à Mãe de Deus

«Que lhe sarrasse o filhinho!»

O quê! Um médico a pedir à Virgem a cura do filho doente?

Mais uma prova evidente (e tantas nos oferece a classe dos médicos portugueses!) de que a classe médica não é classicamente materialista.

Que disse mais «de mãos postas» aquele pai cristão e comovido?

*Que subiria todo o Monte da Virgem
«Descalço pelo caminho»
«A calçar urzes e tojos»!*

*

Fechámos o livro, e demos largas ao pensamento. Esta poesia, nascida dum coração dorido e crente, é um sermão. O exórdio diz que a medicina de Deus é mais eficaz do que a dos homens. Melhor, a medicina dos homens deve a sua eficácia à de Deus. O corpo do discurso diz que os pais são loucos de amor pelos filhos. A conclusão diz que o amor dos pais só se compreende como centelha do amor infinito com que nos ama o Pai celeste e a Virgem Maria que é nossa mãe e mestra.

J. A.

Campo de Férias na Senhora das Preces

Acompanhados pelo Sr. P. Póvoa dos Reis e do Sr. capitão Moreira chegaram no dia 28 do mês de Junho 20 rapazes da J. E. C. de Coimbra, que aqui vêm passar uns dias.

No dia 10 de Julho devem chegar cerca de 60 Noelistas de Coimbra, Porto e Lisboa e no fim do mês de Julho devem vir os teólogos do Seminário de Coimbra.

ROMEIRO DE PORTUGAL

Ei-los que passam alegres de volta da Senhora das Preces. Alguns, cansados e estropiados dos pés; outros, com a guitarra ou harmónio a tiracolo, um registo da *Senhora* no chapéu, um cravo de papel na lapela do casaco e o tradicional foguete para soltar à chegada das suas aldeias.

Raparigas joviais, com o cesto da merenda, vendo-se de fora o gargalo do garrafão amigo; caído sobre as costas, o lindo chapéu de cores garbadas.

O rapazio traz pendurado na boca, assobiando sem cansaço, o píforo brejeiro que o artista enfeitou de cores sedutoras.

As bondosas velhinhas, desfiando o terço, mostram alegremente as lembranças para a netinha que ficou em casa a tratar dos vivos: — Uma boneca — vivinha da costa — fabricada de fresca celuloide, ou um boneco pimpão feito de jornais... velhos.

Romeiros de Portugal!

Ei-los que passam e em todas as aldeias ou vilas formam roda; e vá de deitar cantigas:

*Foste à Senhora das «pressas»
Nem um anel me «trouxeste»;
Nem os moiros da moirama
«Fagiam» o cá tu «figeste».*

— *Vá de roda:*

Uma rapariga, corada como uma romã madura — garganteia a toda a força dos seus saudáveis pulmões:

*Eu hei-de subir ao alto
Eu do alto «bejo» bem
Se tu estás à «jinela»
A falar com alguém.*

Quem são esses poetas autores das quadras que o povo canta com alma? Enigma. Só se sabe que esses versos, quase sempre estropiados pelo romeiro que também, estropiado está por ter palmilhado léguas e léguas e com noites perdidas, foram inspiradas e escritas para ele e são dele do imo da alma.

Romeiros de Portugal!

É vê-los passando por dia de sol abrasador ou debaixo de aguaceiro, mas sempre alegres e cantadores.

Satisfeitos, porque cumpriram à risca a promessa aos pés da *Virgem* — levando-lhes ofertas — em dinheiro ou... uma vela, uma mão ou um bacorito de cera...

Cumprindo a promessa agradecem o milagre feito, lá longe, num recanto das serranias, no momento aflito de ver sucumbir um ente querido, ou porque não chovia no renovo, ou ainda por o suíno (arranjo caseiro) estar triste e já não pegar na lavagem temperada com substancial e alvinhante farinha de milho — o pão dos pobres.

Senhora das Preces!

Incontestavelmente, é a mais popularíssima *Senhora*, que o povo, o bom povo crente, rude e sincero, desta *Beira* poética, adora e ama, quase numa idolatria.

Raríssima é a casa do pobre ou do abastado onde não apareça, na sala ou no quarto, a imagem da *Virgem* ideal desse povo honesto, trabalhador e crente!

Na alegria ou na dor — o nome desta *Senhora* é invocado com respeito e gratidão.

Reza-se, suplica-se por tudo o que

afronta e magoa o povo; — pelo pai ausente lá nos *Brasis*, pela saúde de um amigo ou vizinho, pela saúde de um animal caseiro, pela horta que a praga ameaça devastar, pela saúde do *senhor Prior*, pela tia Maria que tem um mal que a medicina não atina...

Nossa Senhora das Preces!

Orai por nós! Salvai Portugal!

Dai saúde ao Presidente do Estado e a Salazar, para que a nossa terra e as nossas leiras não sejam atacadas por inimigos!

É assim que o bom povo reza e canta, auxiliados pelo seu *Pastor*, que ele estima e respeita.

Romeiros de Portugal!

Eu vos saúdo com a minha alma de poeta, porque vós sois a lira suave que movimenta a vida campestre, onde a Virgem da vossa afeição ou Jesus Nazareno, o maior dos génios — vos abençoa e auxilia nessa crença sincera, divina e santa!

ANÍBAL MENDES

(Da Academia de Ciências e Letras — do Rio de Janeiro — Brasil).

O NOSSO PADROADO DO ORIENTE

No dia 3 de Abril Sua Ex.^a o Ministro do Ultramar, sr. Comandante Sarmiento Rodrigues, partiu para a Índia em visita às nossas Províncias do Oriente.

Em breve será celebrado em Goa o IV Centenário da morte de S. Francisco Xavier. Em 1 de Dezembro um Eminentíssimo Cardeal Legado será recebido triunfalmente nessas nossas possessões ultramarinas. Sua Santidade Pio XII digna-se, deste modo, associar-se às festividades em honra do Apóstolo das Índias.

Aproveito esta oportunidade para, embora ao de leve, descrever qual a origem do nosso Padroado do Oriente e por que fases passou.

O velho cronista Azurara, ao enunciar as razões que levaram o Infante D. Henrique à cruzada dos descobrimentos, diz assim: «Foi o grande desejo que havia de acrescentar em a santa Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, e trazer a ela todas as almas». Levado pelo anseio, senão único ao menos principal, de fazer cristandade, Vasco da Gama atravessa mares, nunca dantes navegados, chegando à Índia em 1498. Acompanhada este herói português, um sacerdote trinitário, Frei Pedro da Covilhã, que celebrou a primeira missa naquelas paragens orientais.

Em Setembro de 1500, chegavam a Calcut os primeiros sacerdotes franciscanos que se dirigiram para Cochim, onde fundaram uma igreja e um convento. Passados dez anos, Afonso de Albuquerque conquistou a cidade de Goa, onde residia a corte do potentado Aidal-Khan, que procurava, por todos os meios ao seu alcance, frustrar a nossa expansão civilizadora e missionária. Goa, cidade grande e populosa, ficou a ser a sede dos vice-reis, tornando-se em breve, também, o centro de todo o movimento naval, militar e comercial do Oriente, e estava, pois, indicada para sede do primeiro bispado, e mais tarde sede dos metropolitas.

Com o rolar dos acontecimentos, a gente lusa foi-se apoderando das terras circunvizinhas. Os missionários, dia para dia, intensificavam a sua acção cristianizadora e patriótica, tendo os Franciscanos, Dominicanos e Jesuítas, aí escrito imortais páginas para a nossa história.

Em 1514, o Papa Leão X, pela Bula «Dum fidei constantiam», confere, aos reis portugueses, o direito de apresentação para todos os benefícios eclesiásticos, em terras sob o domínio português, e mesmo naquelas, onde exercíamos, ape-

CASAS FIGUEIRAS (Vide) e as suas aspirações

No penúltimo número da «Voz do Santuário», concluiu numa carta, o Senhor António dos Santos, ilustre Presidente da Junta de Freguesia de Vide, as considerações que lhe mereceu a nossa local, tornada pública nas colunas deste conceituado jornal, em 6 de Abril p. passado.

Calarmo-nos, seria menosprezar o valor intelectual e competência que nos merece a figura do Senhor António dos Santos.

Assim, esclarecemos:

Aquele nosso escrito, teve por fim a exortar os naturais dos referidos povos a unirem-se e a trabalharem todos juntos afim de levarem a cabo alguns melhoramentos, com auxílio das entidades oficiais, cuja falta muito se faz sentir por aqueles sítios. Procedemos assim, em face de já mais de uma vez termos observado conversas, entre naturais daquelas aldeias, mostrando-se descontentes pelo desprezo a que foram votadas as terras que os viu nascer, e, de facto, por nós presenciado, também, quando por ali passamos, o que sucede quase sempre duas vezes em cada ano.

Ao lermos as considerações explícitas na carta do Sr. Santos, cremos,

sem sombra de dúvida, nas suas afirmações.

Por isso, só temos a lamentar que, os habitantes de Casas Figueiras, não tenham aceite a oferta dos materiais para a construção do chafariz, que a Junta de Freguesia, já por várias vezes lhes tem oferecido. Lamentamos, igualmente, o procedimento do tal «Cavalheiro», quanto à atitude que tomou sobre a construção da Ponte.

Muito nos cativou a notícia em sabermos que se encontra à frente do Posto Escolar da Coucedeira, uma Senhora competente e cumpridora dos seus deveres. Fazemos votos para que, a referida Senhora, se conserve ali por muitos anos, em benefício dos seus alunos, preparando-os para a sociedade e para a Pátria.

E então é de justiça dizê-lo, razão não falta ao digno Presidente da Junta de Freguesia de Vide em pretender desfazer afirmações que na nossa local fazemos sobre as referidas aspirações e que no âmbito fora da justiça podiam ser tomadas como depreciativas para a Junta de Freguesia e para outras entidades oficiais.

Com efeito, supomos que, os melhores juizes do que expomos nos nossos escritos, e das considerações que se dignou fazer o Sr. Santos, são, na verdade, os indivíduos naturais de Casas Figueiras, Outeiro e Abitueira.

Por conseguinte, têm a palavra.

Lisboa, 14 de Maio de 1952.

António Lourenço Pacheco

Alvoco de Várzeas

Já estão concluídas as obras no cemitério. A freguesia, contribuindo para esta reparação, quis mostrar o seu amor e gratidão aos entes queridos, cujos restos mortais lá repousam, até que soe a hora da ressurreição. Assim dizemos no Credo: «Creio na ressurreição dos mortos».

— No passado dia 15 fez-se a procissão do Corpo de Deus. Como era de esperar, foi uma grandiosa manifestação de fé em Jesus Sacramentado. Nosso Senhor ao passar pelas ruas desta freguesia não deixou de abençoar todos os lares, todas as famílias que com tanto carinho O cobriam de flores.

— A Comissão angariadora de donativos para o telhado novo da igreja paroquial percorreu, já, toda a freguesia, ficando bem impressionada com o acolhimento que, da parte de todos, lhe foi dispensado. Assim o novo melhoramento, tão necessário, será, em breve, uma realidade. De fora da freguesia estão a chegar também donativos. Oxalá que todos os naturais desta terra se lembrem da sua igreja.

A «Voz do Santuário» fez anos

Pelo aniversário da «Voz do Santuário» enviaram-nos as suas saudações e cumprimentos o «Correio de Coimbra», a «Boa Nova» de Cantanhede e a «Comarca de Arganil».

Gentileza que muito agradecemos.

S. Sebastião da Feira

Têm-se feito em algumas freguesias vizinhas concentrações religiosas, em que tomam parte diversas representações das terras mais próximas. S. Sebastião da Feira tem marcado sempre a sua presença. E são sempre para o maior bem das almas. No dia da festa de S. Sebastião, é, também, costume muito antigo deslocarem-se a esta freguesia diversas representações, tomando parte nas chamadas ladainhas. Aguarda-se já para Janeiro que seja grandiosa essa concentração das freguesias vizinhas, e não deixemos morrer as boas tradições que nos legaram os nossos antepassados.

— A procissão do Corpo de Deus realizou-se no passado dia 15. Merecem louvores todos quantos contribuíram para o seu brilhantismo. Bem hajam todas as raparigas que com tanto trabalho e sacrifício ornamentaram as ruas, atapetando-as de flores.